

NARRATIVAS E PSICOPATOLOGIA: VALIDAÇÃO DE PROTÓTIPOS

Margarida R. Henriques - Universidade do Porto

Óscar F. Gonçalves - Universidade do Minho

Bárbara Machado - Universidade do Minho

Angela Maia - Universidade do Minho

Zélia Teixeira - Universidade do Minho

António Ribeiro Alves - Universidade do Minho

Isabel Cristina Soares - Universidade do Minho

Maria João Santos - Universidade do Minho

Maria José Ramos - Universidade do Minho

Luisa Soares - Universidade do Porto

Palavras chave: Psicopatologia; Narrativa protótipo; Validações.

Esta comunicação pretende contribuir para a compreensão da psicopatologia como um sistema narrativo co-construído. No contexto de uma abordagem narrativa e especificamente do pressuposto de que as perturbações psicológicas se caracterizam por restrições qualitativas da narrativa, colocou-se a hipótese das diferentes psicopatologias corresponderem a estilos narrativos específicos; uma espécie de retrato robot da narrativa típica dos sujeitos com uma determinada perturbação emocional. Por outras palavras, sugere-se a existência de protótipos narrativos, enquanto um conjunto de comunalidades temáticas presente um grupo de narrativas de diferentes sujeitos. A narrativa protótipo seria assim caracterizada pela existência de regularidades temáticas específicas a uma determinada população. A exploração empírica da possibilidade de identificar narrativas protótipo em psicopatologias distintas, implicou a realização de numerosas investigações. Os estudos realizados incidiram em cinco perturbações psicológicas distintas: depressão, agorafobia, toxicod dependência, anorexia e alcoolismo. Numa primeira etapa, desenvolveram-se estudos de construção e validação convergente (por verosimilhança) de narrativas protótipo a partir de narrativas pessoais significativas. Os pacientes eram entrevistados para a selecção de uma narrativa relativa a um acontecimento significativo da sua vida. Estas narrativas eram analisadas através da *grounded theory*, emergindo, com base nas comunalidades encontradas entre cada grupo de sujeitos com o mesmo diagnóstico, uma narrativa protótipo para cada uma das cinco psicopatologias em estudo. Seguidamente, a narrativa construída era dada a ler a um outro grupo de sujeitos com a mesma psicopatologia e a um grupo controlo emparelhado a fim de quantificarmos o grau de identificação pessoal com a referida narrativa. Em qualquer dos cinco casos, verificou-se que os pacientes apresentavam um grau de identificação com a narrativa protótipo significativamente superior ao grau de identificação manifestado pelos sujeitos do grupo controlo (Gonçalves, Alves, Soares, Duarte, Henriques, & Maia, 1996). Numa segunda etapa, desenvolveram-se estudos de validação divergente (grau de discriminação) das narrativas protótipos. Desta vez era solicitada aos sujeitos uma avaliação comparativa do grau de identificação. Mais especificamente, os sujeitos eram confrontados com as cinco narrativas existentes, sendo-lhes pedido que situassem a identificação com cada uma delas. Em alguns destes estudos, este pedido tanto era feito por escolha forçada, constituindo-se uma hierarquia de cinco narrativas (Henriques, 2000) como de grau absoluto de identificação com cada uma das narrativas independentemente das restantes. A validação divergente foi testada junto de sujeitos com as diversas psicopatologias e, para algumas das perturbações também através de uma hetero-descrição, por sujeitos familiares ou amigos significativos desses sujeitos. Pediu-se também a um grupo de clínicos para validarem divergentemente as narrativas, situando a correspondência entre cada narrativa e cada uma das cinco perturbações, através de uma escala de Likert de cinco pontos. Paralelamente, procedeu-se à validação divergente das narrativas protótipo, junto de uma amostra controlo de estudantes universitários. Assim, tornou-se possível avaliar a validade divergente de cada uma das narrativas protótipo junto dos sujeitos a respectiva perturbação, bem como do grupo de sujeitos com psicopatologia por contraste com o grupo de participantes não clínicos. Os resultados apontam para diferentes níveis de validação divergente, sugerindo graus diferentes de organização prototípica para as diversas psicopatologias. Os resultados principais serão apresentados e discutidas as suas implicações para a compreensão de cada uma das perturbações, bem como a relação entre narrativas e psicopatologia.

Referências

- Gonçalves, O. F., Alves, A., Soares, I., Duarte, Z., Henriques, M., & Maia, A. (1996). Narrativa e psicopatologia. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 307-318.
- Gonçalves, O. F., & Machado, P. P. (1999). Cognitive narrative psychotherapy: Research foundations. *Journal of Clinical Psychology*, 10, 1193-121.
- Henriques, M. R. (2000). *Narrativas e agorafobia: Construção e validação de uma narrativa protótipo*. Departamento de Psicologia. Universidade do Minho, Braga, Portugal.